

Resenha

O projeto do Papa Francisco para uma moral desde as margens

Michel Eriton Quintas*

ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. **A moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados**. Aparecida: Editora Santuário, 2020, 390p.

Desde a eleição ao pontificado, o Papa Francisco está transformando a realidade da Igreja e propondo reflexões e ações para tal. No campo da moral, muitíssimas são as implicações. Com o objetivo de aprofundar algumas delas, publicou-se, em 2020, o livro *A moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados*, organizado por Ronaldo Zacharias e Maria Inês de Castro Millen. Zacharias é teólogo, possui pós-doutorado em Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra, em Portugal, e doutorado em Teologia pela Weston Jesuit School of Theology, em Cambridge/EUA. Millen é doutora em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professora do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio (ITASA) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES).

Maria Inês é presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM) e Ronaldo Zacharias, secretário. A obra foi publicada pela Editora Santuário, em parceria com a SBTM, está dividida em 12 capítulos, de diferentes proponentes, e subdividida em quatro seções. São elas: I. A moral do Papa Francisco (capítulos 1-3, p. 19-112); II. A violência contra os descartados (capítulos 4-6, p. 113-196); III. Entre o ideal e o bem possível

* Doutorando, Mestre e Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9132593308272787>.
E-mail: michel.quintas@pucpr.edu.br

(capítulos 7-11, p. 197-356); e IV. Legado de valor inestimável (capítulo 12, em homenagem a Leo Pessini, p. 357-390). Além disso, somam-se à obra uma Apresentação e um Sumário. A disposição de capítulos favorece a leitura e é capaz de oferecer ao interlocutor uma linha de raciocínio clara e objetiva que perpassa todas as reflexões, escritas em formato de artigos.

A Apresentação do texto (p. 9-18), de autoria de Mário Marcelo Coelho, doutor em Teologia Moral e professor da Faculdade Dehoniana de Taubaté, é responsável pelo panorama introdutório da obra. Coelho situa o pontificado de Francisco, nas reflexões do campo da moral, como tarefa desafiadora e consoladora. Por desafio, fazer a Igreja sair às periferias para consolar os pobres com a misericórdia que lhes é devida, já que, a exemplo dos Salmos, do livro de Isaías, mas sobretudo de Jesus Cristo, os mais necessitados são preferência da preocupação amorosa de Deus. Por consolação, valorizar os passos de Francisco como continuidade profícua do projeto evangélico que, em Moral, impulsiona a construção de um mundo mais solidário, justo e fraterno.

No capítulo 1, “O projeto moral do Papa Francisco: sete lugares teológicos como desafios morais” (p. 19-54), Pablo A. Blanco, mestre em Doutrina Social da Igreja e professor da Pontifícia Universidade Católica da Argentina, expõe sua reflexão com profunda inspiração no magistério latino-americano. O autor traz à tona questões dos espaços aos quais Francisco tem respondido com sua teologia. A história, o povo, os pobres, a cultura, a política, a periferia e a criação são esses sete. Para Blanco, Francisco os elabora também a partir de uma visão de mundo específica, com vistas a compreensão da humanidade em um mesmo barco, ao enfrentamento dos desafios da pós-modernidade, da superação das contradições e da mediação pastoral. Em ambos, a evidência do sentido comunitário, o encontro com o outro e o bem comum.

No capítulo 2, “Uma humanidade descartável: um projeto social chamado Francisco” (p. 55-76), os argumentos são postos por Thales Martins dos Santos, membro do Grupo de Pesquisa Pessoa Humana – Antropologia, Ética e Sexualidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em perspectiva antropológica, o autor aborda a fraqueza da humanidade desumana. Além disso, revela como a cultura do descarté é radicalmente oposta ao imperativo evangélico do amor, da vida e vida em abundância. Assim, a figura do Papa Francisco surge com força profética na defesa dos marginalizados e na utopia da civilização do amor. O capítulo 3, “Por uma ética social da misericórdia: da compaixão à justiça com os pobres e marginalizados” (p. 77-112), é de autoria

O projeto do Papa Francisco para uma moral desde as margens

de Adilson F. F. da Silva, Alexandre A. da Cruz, Pedro F. R. de Matos e Pedro Paulo E. S. Queiroz, um grupo de filósofos e estudantes de Teologia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

Para os autores, sofrer com quem sofre trata-se de uma importante decisão na luta contra as injustiças. Lembrando, ainda, a opção ética de Jesus e da Igreja pelos que mais precisam, encontram em Francisco o arquétipo da necessária continuidade, já que misericórdia, cuidado, justiça social, ecologia, inclusão pastoral, discernimento e testemunho são temas-chave do pontificado dele. Abrindo a segunda seção, Francisco de Aquino Júnior, doutor em Teologia e professor da Universidade Católica de Pernambuco é o responsável pelo capítulo 4, “A violência contra os pobres: um pecado contra o próprio Deus” (p. 113-148), e aborda as diversas expressões da violência, desde aquela socioeconômica, fruto da concentração de riquezas, até as violências psicossocial, estatal-policial e sociopolítica, ambas com recortes de raça, gênero e sexualidade. Sua reflexão teológica, nessa medida, reconhece a condição pecaminosa da violência em convite à conversão e transformação de tais realidades, ao enfrentamento.

Em sequência complementar, está o capítulo 5, “Violência contra as mulheres: a face macabra do cotidiano” (p. 149-172), de Maria Inês de Castro Millen. Esse texto é capaz de aprofundar a perspectiva construída no capítulo anterior e, desse modo, revela as diferentes camadas da reflexão, já que as violências socioeconômicas e psicossociais, por exemplo, podem estar somadas à violência de gênero. Analisando a estrutura social e os movimentos que nela surgem, como o feminismo, a autora trabalha algumas categorias sociológicas com o intento de evidenciar a configuração social tradicional que entende o homem como cidadão e relega à mulher o papel do lar. Além disso, demonstra que esse paradigma, muitas vezes de dominação e sujeição, é o que está na base das violências verbais, dos assédios e até mesmo dos feminicídios. Em Teologia, a autora recorda as pautas colocadas por Francisco e a necessidade da conversão em direção a Jesus.

O capítulo 6, “Violência contra a terra: o rosto do Crucificado na terra crucificada (p. 173-196), representa, ainda, mais uma inflexão no debate dessa seção: a ideia de que não existe uma crise social separada de uma crise ecológica, senão duas faces intimamente relacionadas de um mesmo fenômeno. O autor é Alexandre A. Martins, doutor em Ética Teológica e professor na Marquette University. O docente recorda os méritos da encíclica *Laudato Si'* e a relevância da questão no magistério do Papa Francisco para

concluir, em síntese de tônica escatológica, que a ressurreição exige a mudança do modelo consumista-exploratório para o modelo cuidadoso-sustentável.

Inaugurando a terceira seção, com uma reflexão não muito distante, Jung Mo Sung, doutor em Ciências da Religião e professor da Universidade Metodista de São Paulo, é autor do capítulo 7, “A crítica da idolatria do dinheiro: o fim da fronteira entre a teologia moral, dogmática e estética (p. 197-228). Para Mo Sung, o capitalismo global da idolatria do dinheiro é uma das principais causas da morte e do sofrimento. Para o autor, a crítica construída por Francisco rompe barreiras teológicas e compreensões da sociedade acerca do seu sistema econômico. Ao contrário dos antecessores, Francisco coloca a moral social em primeiro lugar. A preocupação com a oposição entre religião e secularização dá espaço, então, à luta entre a vida e a morte. E a economia posta mata. A desigualdade social mata, a violência mata, o descaso com a terra também. A resposta teológica de Francisco, nessa medida, é novamente o compromisso.

De novo à casa comum, no capítulo 8, “O cuidado da casa comum: os desafios éticos e espirituais de uma Ecologia Integral” (p. 229-256), Luiz Augusto de Mattos, doutor em Teologia Moral e professor do Instituto Teológico São Paulo, oferece perspectivas holísticas. Colocando no mesmo horizonte as preocupações ambientais com as reflexões antropológicas e a crítica da tecnocracia, o autor apresenta algumas pistas para a construção de uma Ecologia Integral: o bem viver e a sustentabilidade. Essas que encontram, novamente na figura de Francisco, a recusa do fundamentalismo do mercado que condiciona a defesa da vida à economia, fazendo frutificar a vida explorada pelo sistema neoliberal.

Encerrando a seção, estão os capítulos 9, “Entre o rigorismo moral e a flexibilidade pneumatológica: a formação sacerdotal segundo Francisco (p. 257-282), e 10, “Repensando a moral sexual: uma leitura da sexualidade à luz dos fundamentos da moralidade propostos por Francisco (p. 253-330), respectivamente, de Felipe Sardinha Bueno, mestre em Teologia Moral, e Ronaldo Zacharias, os quais, lidos em conjunto, qualificam um ao outro.

No primeiro, o autor aborda o rigorismo moral em perspectiva de contorná-lo. Na esteira do Concílio Vaticano II e a partir da proposta do Papa Francisco, o autor oferece a via de superação da obsessão pela lei e rigorismo clerical pela vivência de uma eclesiologia sinodal. Essa que, quando profundamente humilde, abre-se à autonomia fundada em Deus e à sinodalidade moral. No segundo texto, a lógica é análoga, mas, agora,

O projeto do Papa Francisco para uma moral desde as margens

especificamente sobre a moral sexual. Zacharias oferece um breve panorama histórico que culmina no último Concílio da Igreja Católica que desloca o ser humano de objeto para sujeito moral. Dessa forma, evidencia que uma doutrina constante em uma realidade de constantes mudanças alarga a distância entre ambas. Assim, propõe a reflexão sobre a moral sexual para os solteiros, para os casais de segunda união e para os homossexuais.

Por fim, retoma a questão do discernimento em Francisco e propõe elementos para uma nova moral sexual, sobretudo, moral de qualidade de relações, capaz de expressar as vozes de todas as pessoas casadas, viúvas, hétero, homo ou bissexuais. O capítulo 11, “A lógica inclusiva do Evangelho: renovada esperança para a comunidade LGBT+” (p. 332-357), encerra a terceira seção, completando o texto anterior. José A. Trasferetti, doutor em Teologia e professor da Pontifícia Universidade de Campinas, é o proponente do texto. No enfrentamento das questões acerca da diversidade sexual, Trasferetti recorda que ela deve ser uma realidade a ser vivida segundo a lógica da inclusão e não da marginalização ou invisibilidade, já que ela impõe-se às paróquias e comunidades e que todos os seres humanos são filhos diletos de Deus, possuindo, assim, seu espaço na Igreja. Para tanto, resgata em Francisco a atitude-chave de discernimento que acolhe, acompanha e plenifica. Não julga, não discrimina e é capaz de amar.

O último capítulo, “Leo Pessini: um bioeticista camiliano com o coração nos escritos (p. 357-390), retrata uma memória biográfica de Pessini, escrita também por Alexandre A. Martins. O autor recorda a trajetória do religioso como superior-geral da sua congregação, como presidente da SBTM e como professor e pesquisador das áreas da moral e da bioética, encerrando com uma lista de principais obras do bioeticista. Por essas e outras razões, a obra figura com muitíssima relevância, não só em Teologia, mas em Filosofia, Ciências da Religião, Ética e Bioética. As reflexões que compõem a obra são, ao mesmo tempo, específicas/profundas e ligadas a uma perspectiva geral que as atravessa transversalmente. A obra pode ser indicada a estudantes das áreas mencionadas, estudiosos do pensamento de Francisco e de temas em moral, ou mesmo para alargar horizontes de compreensão por meio de perspectivas inclusivas e integrais. Ademais, cumpre reiterar a disposição de elementos que favorece a leitura atenta e, ainda, reconhecer que os organizadores e demais autores demonstram profundidade na argumentação, oferecendo de modo qualificado análises de questões hodiernas importantes.

Submetida em: 13-4-2022

Aceita em: 9-7-2023